

O Grupo na Adolescência: Vicissitudes do Processo de Construção/Desconstrução

José Manuel Pinto *



Com este trabalho pretende-se salientar o processo construtivo / desconstrutivo dos grupos adolescentes. Compara-se o processo mutacional característico da adolescência ao seu vivido grupal. Mostra-se através do relato de duas sessões com o mesmo grupo como este apela a processos contínuos de integração dos vividos, facilmente dispersáveis, e também se descreve como o adolescente espera e teme este processo de construção do contorno grupal e individual. A interface individual / grupal parece estar presente em todas as vivências interindividuais adolescentes.

Introdução

A adolescência apresenta-se como uma temática em expansão que, pela sua actualidade nos solicita, a par e passo, reflexões novas acerca desta etapa evolutiva.

Nesta reflexão pretendemos abordar a realidade grupal adolescente, partindo do *vertex* vivencial dos grupos lúdico-terapêuticos (PINTO, 1997, 1998), nomeadamente a formação do corpo grupal. Faremos uma leitura inicial de enquadramento do fenómeno grupal, das suas regras e funcionamentos, apelando às concepções psicodramáticas e às leituras psicodinâmicas. Apresentaremos o resumo de uma sessão de grupo que ilustrará os aspectos teóricos em questão.

* Psicólogo, Professor Adjunto da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

(1) «A terapia psicanalítica de grupo para crianças deriva de um grupo de observação criado por (...) Nicole Coupere (...). Esta terapeuta (...) sobrecarregada de terapias individuais reuniu um grupo de crianças...» (DECHERF, G., 1986).

Os Grupos

Os grupos, enquanto realidade de intervenção, têm assumido, progressivamente, um papel relevante. Hoje são, por direito próprio, uma abordagem transformacional a ter em conta.

Porém, no seu início; o trabalho psicoterapêutico grupal aparecia como modelo de recurso⁽¹⁾. Esta necessidade mostrou um novo e importante mundo relacional (interno e externo) no qual o grupo desempenha uma função continente para a tela de projecções, deslocamentos, transferências e integrações que, momento a momento, os participantes colocam em jogo.

Historicamente, devemos a Kurt Lewin o conceito de “dinâmica de grupo”. Com ele, o grupo ganha vida própria enquanto entidade. Cada um pode, agora, ter uma identidade e uma idiosincrasia. A ideia gestáltica de que o todo é mais que a soma das partes ganhou cidadania e, por

isso, facilitou o entendimento do grupo como estrutura dinâmica que apela a uma escuta meta-comunicacional.

LEWIN (1978) preocupou-se com a vida dos grupos, e os seus estudos acerca do “clima dos grupos” mostram como a realidade dinâmica influencia quer a eficácia quer o bem estar dos indivíduos nos grupos. Salientou, também, o papel construtivo / inibidor das lideranças.

A sua noção de “campo psicológico” enquanto espaço de vida de um indivíduo, facilitou, em nosso entender, a percepção do grupo como especificidade funcional que influencia e é influenciado numa perpétua troca que limita as intervenções individuais.

Moreno, por outro lado, tinha eleito os grupos como realidade potencial de transformação humana, nomeadamente, o Psicodrama por ele definido «(...) como a ciência que explora a verdade por métodos dramáticos» (MORENO, 1978, p. 17).

Defendia que os papéis são anteriores ao Eu e que este emerge daqueles, isto é, «os papéis são os embriões, os precursores do Eu e esforçam-se por se agrupar e unificar» (*op. cit.*, 1978, p. 25).

Os papéis⁽²⁾ e as suas múltiplas facetas apresentam-se ao indivíduo como um duplo referente *apelativo* e *transformativo*, possibilitando-lhe o envolvimento em situações novas e facultando-lhe modos novos de agir, elaborar e integrar

No espaço terapêutico, o referente apelativo faculta ao indivíduo “ensaiar” papéis, proximidades e distâncias. É por ele que se vai urdindo uma vivência grupal, ela própria caleidoscópio e mosaico no dizer de AMARAL DIAS (1993). O autor define mosaico como «(...) o que é mais evidente ou sobressaliente em cada sujeito e em cada grupo...» (AMARAL DIAS, 1993, p. 30). O caleidoscópio «(...)

cria diferentes mosaicos (diferentes sistemas) os quais por sua vez fazem parte de supra-sistemas e assim por diante» (*op. cit.* p. 30). Ao confrontar-se com eles, o sujeito pode elaborar uma maior plasticidade proveniente da multiplicação dos papeis e consequente e inevitável confronto emocional expansivo e integrativo. Pela experiência de novos papéis, o indivíduo pode (des)organizar os seus núcleos (dis)funcionais e ensaiar outros modos de agir e pensar, abrindo o caminho a um novo Eu⁽³⁾.

O referente transformativo confere operacionalidade ao processo de desenvolvimento e é através dele que se operam as mudanças individuais espelhadas em pensamentos e ações comportamentais expressas a cada momento. Estas transformações operam em qualquer registo relacional e, por isso, a diferença entre espaços de troca naturais e terapêuticos reside numa maior atenção e registo da realidade comunicacional do aqui e agora deste último, num «*acting out* controlado» (MORENO 1978) facilitando, desse modo, o desenvolvimento numa área de metacomunicação intra e interindividual. O tom festivo de Moreno imposto ao trabalho grupal, acentuava a sua crença num humano inebriado com a gregaridade que transformava e se transformava nos grupos, num constante fazer / desfazer de papéis que o tornam, por isso, indissociável da grupalidade.

Moreno considerava mesmo que o indivíduo partilha o grupo desde o nascimento e que a *matriz de identidade* tem aí a sua origem. A matriz de identidade é, pois, «a placenta social da criança» (BERMUDEZ, 1980, p. 46). É nela que se transmite a herança cultural do grupo e prepara a criança para a integração no mundo, através da oferta de papeis que esta deve aprender e integrar. Este processo, lento e complexo, de aprendizagem e integração de papeis decorre em cinco etapas (*Op. cit.*, p. 47):

- 1 - Inicialmente *a identidade é total* entre a criança e a outra pessoa. A criança não distingue o que é dela e o que é estranho;
- 2 - A criança *centra a sua atenção no outro* e estranha uma parte dela que se apresenta nova a seus olhos;

⁽²⁾ MORENO (1978) descrevia três modelos básicos de papéis: os *papéis fisiológicos* ou *psicossomáticos* como comer, dormir ou manter a actividade sexual, os *papéis sociais* e os *papéis psicológicos* ou *psicodramáticos* tais como os fantasmas, os papéis alucinados ou os sonhos.

⁽³⁾ Moreno atribui o Eu à síntese dos papéis parciais desempenhados «(...) entre o papel sexual, o do indivíduo que dorme, o do que sonha e o do que come desenvolvem-se *vínculos operacionais* que os conjugam e integram numa unidade(...) uma espécie de *eu fisiológico*» (MORENO, 1978, p. 25). O processo egoico é semelhante para os papéis sociais e para os papéis psicodramáticos, embora, no dizer do autor, todos estes *eus* são *parciais*, «o eu inteiro, realmente integrado, de anos posteriores ainda está longe de ter nascido» (*Op. cit.*, p. 26).

- 3 - *Elabora os contornos do outro* e separa as experiências dos outros das suas;
- 4 - A criança *joga o papel do outro* significativo *com coisas* e
- 5 - *Joga o papel do outro com pessoas* que, por sua vez, jogam o papel da criança.

O processo de desenvolvimento decorre num duplo processo de diferenciação e inversão de papeis. O outro vai tomando o seu lugar na rede de relações significativas do indivíduo, crescendo este em representação mental e clarificação dos seus contornos individuais.

MORENO (1978) dizia que estas cinco etapas são as bases psicológicas para todos os desempenhos de papeis e para todos os fenómenos como a imitação, a projecção e a transferência, aspectos idealizados e parcelares duma vivência mais ampla e realista – *Tele*⁽⁴⁾.

O referente transformativo, como atrás descrevemos, consiste no processo operativo que facilita a mudança interna e que opera verdadeiras alterações quer na fantasia quer nas acções individuais. Esta mudança é também gradual e oferece, em momentos críticos, um novo enquadramento da realidade, onde esta é uma outra, estranha ou afável, mas sempre nova. A transformação não é ininterrupta, pois exige um espaço / tempo de integração apresentando-se em nosso entender duas etapas sequenciais: 1) a *catarse grupal*⁽⁵⁾ e 2) a *catarse de integração*.

A primeira apresenta-se ao indivíduo como uma etapa intermédia de descoberta onde surge uma nova percepção da realidade vivenciada no grupo de forma caleidoscópica mas, ainda assim,

preparatória de uma integração mais profunda que se adivinha. O grupo torna-se um intermediário facilitador de intensas vivências projectivas e integrativas que procuram *tele*. Nesta etapa o grupo, vive intensamente a descoberta que espera ainda ser elaborada individualmente.

A segunda é o ponto de chegada, um novo olhar sobre os papéis desempenhados no e pelo grupo que oferecem ao indivíduo novos papéis possíveis, mas também um novo modelo egoico que pode, sem rupturas, ser crítico com os seus papéis anteriores e, ainda assim, não se rebelar consigo nem com os outros. Acrescentaríamos que esta *dimensão integrativa* possibilita tomar, progressivamente, mais claro “outras” realidades até aqui desconexas e, muitas vezes, sem sentido. Sem uma função integrativa, o vivido catártico pode perder-se num momento intenso mas inconsequente, pode perpetuar-se mosaico sem nunca se tornar “chão” que contenha alicerce e dê sentido ao indivíduo. Com ela — a *dimensão integrativa* — o grupo assume-se na transformação como estrutura e função matricial crescente e faculta ao indivíduo um espaço onde pode vivenciar uma realidade interna emergente.

Todo este processo de construção/desconstrução comunicacional e vivencial se opera através de uma emergência múltipla e entrecruzada de percepções íntimas que facultam ao indivíduo perceber-se e perceber o que o rodeia e os contornos com que se estabelecem as redes comunicacionais no grupo. É por elas que o indivíduo se vincula, relaciona ou afasta do grupo. Neste contexto, apelo e transformação, sendo individuais, são também grupais porque só aí o indivíduo pode confrontar a realidade onde se aceita ou rejeita qualquer movimento individual.

De Moreno a Bion ...

A grupalidade humana remonta vivencialmente à origem do próprio humano. Questões de segurança, defesa e sobrevivência levaram os seres humanos a elaborarem, passo a passo, modos de relação e técnicas mais sofisticadas.

⁽⁴⁾ Para MORENO «*tele* é mutua percepção íntima dos indivíduos, o cimento que mantém os grupos unidos (...) A *tele* estimula as parcerias estáveis e relações permanentes» (MORENO, 1978, p. 36)

⁽⁵⁾ MORENO atribuiu a estes conceitos uma importância relevante. Deu-lhe, no entanto, um sentido inverso, pois coloca a *catarse de integração* antes da *catarse de grupo*. Considera a *catarse de integração* um «sentimento de força e alívio» (MORENO, s/d, p. 113) «quando, finalmente encarna as pessoas de suas alucinações, perdendo elas não só a sua força...» (*op. cit.*, p. 112), mas ser essa força incorporada dando oportunidade ao eu de se reencontrar e se reordenar. A *catarse de grupo* surgiria a partir do drama do grupo, uma autêntica implicação de todos os membros do grupo no papel dramático. Resultaria duma identificação entre o público e o protagonista. Esta partilha de sentimentos e vivências sendo uma clarificação não é, no entender do autor, um processo sem conflitos...

Por outro lado, existe uma dimensão mais pessoal e narcísica que apresenta em nosso entender dois movimentos incessantes, a integridade do ego e a representação pessoal nos grupos que o posiciona, quer nos seus grupos de pertença quer nos seus grupos de referência.

Nos grupos terapêuticos algo similar acontece, uma vez que se pretende que estes sejam lugares de ensaio e vivência de aspectos individuais e grupais problemáticos para o indivíduo. Neste sentido, BION (1962) afirma que todo o grupo se alicerça numa dupla referência individual e grupal. A primeira revela o lado mais preocupado com a integridade individual, com os limites de segurança e das realizações que o indivíduo espera obter nos grupos e que apresentam variações apreciáveis de indivíduo para indivíduo, implicando directamente na sua capacidade para se empenhar na construção de uma mentalidade de grupo e na construção implícita e explícita do vivido grupal — *a história do grupo*.

No início, qualquer “grupo” está por realizar e é, ele próprio, uma súplica de concepções⁽⁶⁾ individuais que esperam relações vinculativas que abram sucessivamente portas a outras vivências capazes de facilitar o crescimento mental e a criação de um vivido grupal de referência, característico e identificador do grupo.

Os grupos, no entender de BION, têm dois níveis de funcionamento, a saber: o nível dos pressupostos básicos e o nível de trabalho. Nos primeiros, verificam-se determinadas pontuações comunicacionais com a realidade que explicitam as ansiedades reinantes em cada grupo. Destas dependem a relação e a orientação que o grupo faz no momento. Se, por exemplo, o grupo teme o exterior e o hostiliza poderá escolher um caminho que o leva a tomar medidas excepcionais de defesa, assumindo uma relação de ataque-fuga com o exterior ou com quem se afaste desta crença. A rigidez é evidente e a defesa o motivo central da

actividade do grupo. No exterior, o perigo (real ou imaginário) está à espreita. A este pressuposto funcional denominou o autor grupo de pressuposto básico de ataque-fuga (BION, 1962).

A segurança é outro motivo *major* que orienta o grupo e os seus componentes. A dependência reinante funciona, em nosso entender, como uma moratória na qual os indivíduos esperam ver resolvidas, magicamente, as questões fundamentais. Delegam, por isso, no líder todas as resoluções. Este cuida do grupo e estabelece com o exterior todos os contactos exploratórios capazes de abrirem o grupo ao mundo, mas salvaguardando o mesmo na sua integridade. Aqui, todos os equilíbrios são instáveis e, a qualquer momento, o grupo pode virar-se para si próprio e regressar aos níveis de ansiedade referidos no funcionamento descrito anteriormente. Quando esta moratória decorre sem sobressaltos de maior, pressente-se no grupo, aqui e ali, um outro modelo de funcionamento que BION (*op.cit.*) denominou de pressuposto básico de acasalamento e que, em nosso entender, se pode apresentar de duas formas distintas, uma de descoberta resultante de uma procura de parceria tendo, num sentido amplo, a sobrevivência da prole e a capacidade de ser íntimo como fim e outra que se constitui como defesa clara, pelo acasalamento circunstancial no grupo, reveladora de uma defesa contra algum aspecto gerador de ansiedade no grupo (PINTO, 1995). Os adolescentes, por exemplo, utilizam este modelo de acasalamento sempre que alguma ansiedade se torne ameaçadora para o grupo. A divisão do grupo neste(s) subgrupo(s) permite desviar a focalização no problema e, por isso, o adolescente, ao utilizar este pressuposto básico de acasalamento, salvaguarda a sua integridade e a manutenção do grupo aliviando-o, momentaneamente, desta ansiedade emergente. O trabalho transformativo devolverá o grupo a limiares de ansiedade toleráveis e facilitará que este se situe a um nível mais criativo, construindo-se, assim, um verdadeiro grupo de trabalho (BION, 1962). Neste nível funcional, as trocas de experiência e o sentir grupal tornam-se mais intensos e vívidos. A profundidade da experiência vai aumentar a cumplicidade e,

⁽⁶⁾ AMARAL DIAS, partindo de BION, considera que «a concepção é uma expectativa vazia (...) As concepções não recorrem às qualidades secundárias. Recorrem às qualidades primárias. A expectativa vazia, não é deste objecto mas do objecto, não desta mãe mas da Mãe» (AMARAL DIAS, 1997, p. 39). Estas estão abertas a uma relação definidora dos contornos e dos conteúdos, abrindo-se a uma experiência integrativa crescente.

também, a descoberta pessoal que se suporta num vivido grupal e exclui, deste modo, sentimento de vergonha ou temores de exclusão. O grupo torna-se, ele próprio, matriz e, como tal, contentor de uma realidade mais ampla e, por isso, facilitadora de novos desenlaces e descobertas.

Os grupos têm modos distintos de edificar este patamar criativo, esta função sustinente e transformativa de vivências e fantasias, por isso, pretendemos incidir agora nos grupos adolescentes e esboçar como, em nosso entender, funciona o grupo terapêutico adolescente

O Grupo Adolescente como “Corpo Expressivo”

O grupo adolescente apresenta-se como uma réplica da grupalidade que acompanha todo o fenómeno adolescente. A sua constituição oferece-nos a oportunidade de experienciar no grupo toda a mutabilidade relacional que invade o adolescente em cada momento, obrigando a uma reconstrução do “trilho” histórico do grupo que qualquer alteração coloca em questão. O grupo apresenta-se como estrutura flutuante e funciona como um equilibrador funcional necessário à sua manutenção. A imagem corporal em mudança do adolescente, bem como os contornos e limites do seu vivido inter e intra-relacional, é projectada no grupo e espera deste uma transformação que o reequilibre e devolva ao pensamento.

A todo o momento o adolescente é colocado numa área de fronteira com duas funções distintas a conciliar, a sua integridade e a sua gregaridade em expansão. Nos extremos, qualquer delas o pode tornar refém, tornando-se ou num “bode expiatório” ou, por outro lado, num marginal do grupo. Importa, pois, facilitar ao adolescente um espaço / tempo de construção / desconstrução capaz de o suportar na mudança, sendo esse tempo / lugar plástico, e capaz de gerar transformações que devolvam o adolescente à sua intimidade reconstruída, sem rupturas catastróficas desnecessárias.

As fugas podem sentir-se numa extensão desmesurada dos contactos (idealizada ou realista)

que evitam qualquer contacto mais profundo. São uma defesa contra uma vinculação que se pressente difícil. A estensão tem o ganho do número e a perda do inter-conhecimento. Sem este suporte, as histórias não podem ser vividas ou sonhadas no grupo e o risco dos vazios é travado com histórias e desejos fantásticos, verdadeiros mitos criados que se tornam mote de (re)acção grupal. Um sentir marginal ao grupo facilita o aparecimento de um funcionamento patológico do grupo em relação ao indivíduo, perpetuando uma relação antípoda, de colorido persecutório, que desvia a atenção do grupo de vivências sentidas como muito dolorosas, e salienta assim esta vivência sintomática, eternizando a base funcional de ataque / fuga.

O conhecimento profundo do grupo e o saber acerca da sua tolerância e suporte abrem caminho a um sentir profundo e à transformação do grupo num laboratório de ensaio da realidade, podendo o adolescente ensaiar, depois, novos movimentos exploratórios na realidade social. O grupo possibilita a curiosidade pelo conhecimento inter e intra individual que, por um lado, sossega os seus membros e, por outro, desenvolve a maturidade instrumental num jogo projectivo / introjectivo sem excessos. O grupo adolescente vive, pois, estes sobressaltos e estas flutuações sendo mesmo o écran das angústias e desejos dos seus membros, cabendo ao técnico facilitar uma vivência antecipatória ou reparadora.

O grupo adolescente é um corpo expressivo em constante transformação e, nesse sentido, é um grupo sempre por realizar, um grupo em *trans* (BION, 1991) que requer e constrói histórias. Estas, ao cruzarem-se no espaço grupal, dão origem a verdadeiras catarses do grupo (*catarse grupal*) e dos adolescentes (*catarses de integração*). No grupo, os gestos e as histórias tomam um sentido novo onde tudo pode e deve ser (re)equacionado. Sente-se que, para além do indivíduo, uma nova realidade apela ao nome. Só aparentemente cada história se esgota no seu conteúdo, pois dela surge o grupo, resultado de cada história cruzada e desconexa aberta a um sentido novo que, ainda assim, está aberto a outras realidades emergentes que reactualizam no aqui e agora toda a trama

individual, urdida fio a fio e posta, momento a momento, na relação interindividual.

Notamos que, a par e passo, a dimensão manifesta (FREUD, 1915, 1916) esconde outra dimensão latente (*op. cit.*) onde cada indivíduo é tomado como personagem de outras histórias clarificadoras desta função-écran dos jogos projectivos / introjectivos, alicerces de uma cumplicidade ganha a custo e sempre questionada. O grupo adolescente constrói-se num inter-jogo que reequilibra ou desequilibra, momento a momento, a ânsia individual e o apelo grupal.

Passamos agora ao *relato de duas sessões de um grupo adolescente* que se reúne há três anos e que por mudança institucional do terapeuta sofreu um interregno, recomeçando o trabalho num outro local.

O grupo é composto por 5 elementos e reúne-se desde o seu início com uma periodicidade semanal. Todos os seus componentes são adolescentes de 16–17 anos e apresentam, no momento, um interconhecimento e uma capacidade de análise pessoal e grupal apreciável.

A sessão decorria em redor de relatos de vivências individuais. A função télica demorava a surgir. A certa altura M., uma jovem de 16 anos bastante dependente dos amigos, no dizer de D. outra jovem do grupo, queixa-se da distância de D. nos últimos tempos. D. confirma e diz não entender esta sua distância mesmo em casa com os pais uma vez que estes “não têm feito nada”. O relato era fugaz e o semblante mostrava tristeza. Entre hesitações foi dizendo que teve uma relação com um jovem mais velho que foi mau porque ele queria “mais coisas” e ela desistiu logo dele. A dificuldade expressiva de D. era tal que propusemos um jogo prospectivo. O grupo era um obstáculo móvel ao seu fim — atravessar a tapete. Inicialmente ela ganhou terreno na travessia mas o grupo “apertou o cerco” e ela exclamou que a queriam matar e se sentia asfixiar.. No solilóquio que se seguiu, ela reafirmou o seu receio e aflição no jogo. Nos comentários, todo o grupo realçou a suas dificuldades e a alternância entre o vigor e a desistência na tentativa de ultrapassar a barreira. B. (rapaz) referiu a dificuldade de D. em confiar

nos outros e frisou que “ninguém resolve nada sozinho...” O comentário tocou as defesas de D. que perdeu a rigidez do tónus. O terapeuta, no comentário, ressaltou os seus temores em ser defraudada e retaliada, reveladas pelo seu distanciamento nas relações. Esta defesa intensa servia D. contra vivências sentidas como retaliações que a assustavam de “morte” ou de “asfixia”. D. parece ter serenado e começa entrecortadamente a relatar uma situação de tentativa (?) de abuso sexual feita por uma pessoa mais velha durante um longo período da sua infância. Depois diz temer que, cada vez que se vincula a alguém possa magoar-se... O grupo tranquiliza-a e o terapeuta salvaguarda que o grupo guardará muito bem a sua história como um “anel de brilhantes valioso”. A sessão termina com uma troca de afecto entre os elementos do grupo — um a um — e D.

A densidade dramática foi grande na sessão e a catarse grupal e individual surgiram num enlace transformativo do grupo e do seu vivido. O enlace grupal foi um crescendo, com oscilações entre uma integridade pessoal a defender e um grupo a construir. Passo a passo, surgiu um espaço / tempo grupal capaz de facilitar a catarse individual integrativa. No final desta sessão houve novos ganhos grupais e individuais. Um ganho histórico do grupo, enriquecido com uma vivência tornada grupal através do entrecruzamento das histórias e dos aspectos fantasmáticos que ressaltam, aqui ou ali, em cada um dos outros elementos do grupo D. pôde integrar no seu eu uma vivência esquecida, dispersa e não pensada. Podia então parecer que, dali em diante, o grupo funcionaria num outro registo baseado nesta e noutras histórias vividas e transformadas pelo grupo. No entanto, tal não aconteceu pois, em cada sessão, pode acontecer que tudo “recomece” e se observem de novo, os elementos do grupo numa defesa da integridade pessoal e, por isso, dispersos desta história construída num registo cúmplice. Tal requer um (re)encaminhamento e (re)elaboração do vivido grupal. É como se uma malha tivesse caído à camisola. A brevidade é necessária para que se não deixe alastrar a malha caída e, com isso, se inutilize a camisola tecida a custo e com empenho.

A dispersão espreita e apela a uma integração transformativa.

O mesmo grupo reuniu-se mais uma vez antes de férias de páscoa e, no regresso destas, a sessão começou com um desconforto crescente e o tema “seca” aparece deslocado no tema “terras onde vivem e onde não têm nada para fazer”. O terapeuta diz sentir que o grupo está a achar a sessão uma seca. Estes sorriem cúmplices. M. tenta falar mas interrompem-na...

O terapeuta propõe um jogo de regresso ao passado, verbal. Cada elemento relatava o jogo que mais lhe agradava na infância. G. (rapaz) diz serem os jogos de construção com legos, pontes, casas, espadas e metralhadoras. M. V. e D. (raparigas) realçam as “escondidas” e salientam a excitação que o jogo provocava. O grupo estava aquecido e o tema situava-se entre a curiosidade, a construção e a descoberta. O terapeuta propõe um jogo de conquista territorial entre os membros do grupo. M. ocupa um quarto do tapete colocando-se em quatro, D. ocupa um canto e “dá” todo o resto aos outros, G. ocupa um quarto do tapete com as pernas e V. ocupa com o seu corpo a zona central, deixando a D. uma margem alargada de território que esta ignora.

O terapeuta pede, então, que descrevam o que contém aquele espaço por eles conquistado. G. descreve uma “casa simples” com piscina e court de ténis, ao pé do mar, com flores e amigos, M. descreve uma casa rasteira e ampla com grandes árvores e muito terreno, muitos amigos e cavalos. D. relata uma casa pequena, ao pé do mar com um lago e animais, muitas flores,... V. descreve uma casa grande com muitos amigos e os pais, uma casa que é muito bonita. Por fim, o terapeuta pede ao grupo que façam uma estátua que expresse os seus sentimentos relativos à casa por eles construída. G. construiu uma estátua contemplativa; V. vacilou nas posições a tomar, acabando por ficar sentada de pernas estendidas; D. começou por estender-se confortavelmente mas, de repente retraiu-se, levantou-se e disse: “é melhor ficar de pé”; M. debateu-se com a estátua a fazer, acabando por ficar como estava.

Nos comentários, o terapeuta relacionou aspectos individuais dos participantes com o vivido dramático. G. revelou no jogo o contraste entre os seus desejos e a sua dificuldade de se envolver nas realizações. M. revelou no jogo a sua dificuldade em transpor o seu desejo (a casa) para a relação (a estátua), dificuldade relatada por M. relativamente ao vivido do namoro. D. mostrou-se vacilante entre uma postura descontraída e confortável (confiança) e uma postura defensiva (ficar de pé) concordante com as suas dúvidas anteriormente relatadas. Por fim, V. vacilou tanto na estátua como nas posturas a tomar relativamente aos seus afectos. Realça a insegurança e o desconforto na expressão dos aspectos mais relacionados com o vivido íntimo, esperando sempre a confirmação externa. O terapeuta acrescentou que o grupo tinha ficado receoso de se expandir e que lhe parecia que a sessão tinha reafirmado a cumplicidade reconstruída. O clima ficou muito fluido e G. brincou dizendo que o terapeuta até adivinhava. “O grupo sorria”. A dificuldade inicial tinha dado lugar, de novo, à história construtiva do grupo.

Discussão e Conclusões

As sessões revelam como a construção do vivido histórico do grupo pode, a todo o momento, sucumbir à defesa difusa e intensa dos participantes do grupo e, por isso, fazer apelo ao terapeuta de uma intervenção que, também ela, balance entre uma individualidade em risco e um grupo em construção, lugar comum das vivências dadas à guarda e, por isso mesmo, extensão do próprio indivíduo. A salvaguarda deste contorno individual/grupal permite que o adolescente construa uma relação *alter/ego* que reforce a confiança e flexibilize os contornos da acção. Sempre que, por um motivo ou outro, a dinâmica do grupo é perturbada, torna-se necessário (re)cruzar as histórias e por aí fazer emergir o vivido grupal. É, num outro dizer, lidar com uma realidade em si demasiadamente adolescente, a saber, a construção do contorno corporal e individual em interacção grupal.

Podemos concluir desta pequena reflexão que o grupo contém, expõe e amplia os aspectos adolescentes em resolução, sendo por isso de enorme utilidade que, no trabalho com os jovens, não descuremos nunca os aspectos individuais e antes o integremos num dizer coincidente de desempenhos (fantasiados ou agidos).

Bibliografia

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. – *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ABREU, J.L.P. – *O Modelo Psicodramático Moreniano*. Coimbra: Ed. Psiquiatria Clínica, 1992.
- ANZIEU, D.; MARTIN, J.Y. – *La Dynamique des Groupes Rertreints*. Paris: PUF, 1976.
- BERMUDEZ, R J. G. – *Introdução ao Psicodrama*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1980.
- BION, W. R. – Ataques ao Elo de Ligação. In *Melanie Klein Hoje*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- BION, W.R. – *Recherches Sur les Petits Groupes*. Paris: PUF, 1987.
- BION, W.R. – *Transformations*, Passage de L'apprentissage à la Croissance. Paris: PUF, 1982.
- CARDOSO, R.M. – No Corpo à Revelia. *Psicodrama*, n.º 2, 1994, pp. 5-12
- DECHERF, G. – *Édipo em Grupo, Psicanálise e Grupos de Crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- AMARAL DIAS, C. – *Palcos do Imaginário*. Lisboa: Fenda, 1993.
- AMARAL DIAS, C. – *Tabela para uma Nebulosa*. Lisboa. Fim de Século, 1997.
- FREUD, S. (1915) – *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, E.S.B., Vol. XV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- FREUD, S. (1916) – *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, E.S.B., Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- FREUD, S. (1921) – *Psicologia do Grupo e a Análise do Ego*, E.S.B., Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- KAËS, R. – Le Groupe comme Appareil à Transformation. *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, n.º 5-6, 1986, pp. 91-100
- LEAL, M.R. – *A Grupanálise, Processo Dinâmico de Aprendizagem*. Lisboa: Fim de Século, 1997.
- MALPIQUE, C. – Psicanálise / Psicodrama. *Psicodrama*, 1995, pp. 79-85
- MORENO, J. L. – *Psicodrama*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- MORENO, J. L. – *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, (s/d).
- MORENO, J. L. – *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo: Summus Editorial, 1983.
- PINTO, J. – Da Acção ao Pensamento: o Grupo no Processo de Transformação Adolescente. *Referência*, n.º 0, 1998, pp. 21-32
- PINTO, J. – Angústia de Separação e Ingresso no Ensino Superior. In *Actas da Conferência Internacional: A Informação e a Orientação Escolar e Profissional no Ensino Superior, um Desafio da Europa*. Coimbra, 1997, pp. 119-126
- TORRES, A. R. – Momentos Grupais e Elaboração da Angústia. *Psicodrama*, n.º 4, 1996, pp.77-84
- VICENTE, T. N. – Abordagem de Algumas Formas de Luto em Psicodrama. *Psicodrama*, n.º 1, 1994, pp. 55-67
- VIEIRA, C. L. – Psicodrama Analítico: uma Articulação. *Psicodrama*, n.º 3, 1995, pp. 87-99